

Audiência Pública - SIURB - 3 de Fevereiro de 2016
Apresentação do projeto do Hospital de Clínicas Alexandre Zaio

TRANSCRIÇÃO PARA TEXTO DAS FALAS GRAVADAS EM DVD

Ricardo Rezende - Boa noite. Boa noite, senhoras e senhores. Em nome da Secretaria de Infraestrutura Urbana e Obras, eu declaro iniciada a audiência pública para a construção do Hospital Municipal Doutor Alexandre Zaio. Atendendo à determinação da Lei de Licitações e Contratos 8.666/93, estaremos, esta noite, aqui, na Subprefeitura da Penha, na presença da comunidade, representantes da Secretaria, o senhor secretário municipal de Saúde, doutor Alexandre Padilha, o subprefeito, doutor Pedro e demais membros aqui da região e da Cidade de São Paulo, apresentando o projeto de construção do hospital.

Eu chamei aqui, à apresentação, o autor do projeto – a equipe do doutor Borelli –, para explicar, da maneira mais competente possível, tudo o que vai acontecer com relação à obra, com relação às expectativas de projeto, expectativas construtivas da obra. A gente vai pedir que todos os presentes, por favor, registrem as suas perguntas – registrem a intenção de fazer as suas perguntas – em um livro que tem ali, no final da sala. E, se a gente não tiver tempo de respondê-las aqui, a gente se compromete a mandar essas respostas via e-mail. Esta audiência está sendo gravada e vai ficar disponibilizada no site da Prefeitura. Mais alguma informação, mais algum detalhamento, a gente também pode estar fornecendo via site, via Portal da Transparência. OK? Muito obrigado, bom trabalho a vocês todos. A gente está aqui, à disposição, para qualquer eventualidade. Por favor.

José Borelli Neto - Boa noite a todos. Senhoras, senhores, senhor secretário, senhor subprefeito, o doutor Filippi – que nos acompanhou na outra audiência. Eu gostaria, se pudessem apagar esta luz aqui, para ficar mais – desculpa? Muito obrigado. Nós vamos começar a fazer a explanação do projeto e eu vou procurar ser bem didático e bem sintético, para não aborrecê-los muito. E, se ficar alguma dúvida, a gente vai ter algum tempo para atender às demandas, eventuais dúvidas que os senhores possam ter.

Essa localização aqui, os senhores conhecem melhor do que eu, porque são usuários do local. Então, o Hospital Doutor Alexandre Zaio está localizado entre – tendo como vias principais a Bernardino Brito, vias de acesso, a Radial Leste, Avenida Itaquera. E próximo também da fabulosa Arena Corinthians, que criou uma demanda bastante importante aqui, para a região. Aqui, já um pouco mais aproximado, já tendo então as vias e a praça, que está sendo incorporada ao

projeto, conforme eu vou mostrar para os senhores, aí. Pode passar.

Uma coisa importante e que nos direcionou, de certa forma, boa parte do projeto, é que o terreno onde será implantado o hospital, ele tem desníveis significativos. Ele tem um desnível que sai dessa Rua Maldonado aqui, ele cai para cá, na Rua Mar de Espanha. A Rua Alves Maldonado cai também, significativamente. E, entre uma rua e outra, também nós temos desníveis significativos, o que gerou, então, os acessos, que são das áreas, tanto de serviço, funcionários, ambulâncias etc. E fez com que a gente tivesse que criar alguns níveis diferentes para essa demanda. Então, nós temos, aqui, a entrada do pronto-socorro, que está integrada aqui, com uma praça. Temos, aqui, a entrada da ambulância, entrada de funcionários, a entrada da parte de serviço, uma parte de serviço que estaria sendo atendida por aqui. E a outra parte de serviço também, onde nós temos toda a parte de utilidades, ou seja, a parte de gerador, de grupo gerador, a parte elétrica, de gases, oficinas etc.

Do lado de cá, nós temos a entrada do ambulatório e a parte de internação. Repetindo aqui, já olhando então esse projeto pela Rua Mar de Espanha, nós temos a praça, a entrada do pronto-socorro e uma integração, aqui, que a gente desenvolveu, que funciona essa praça aqui como uma espécie de área de espera. Enfim, um ambiente mais descontraído para o hospital. O hospital se compõe de uma grande circulação e duas alas onde está contido todo o programa do hospital, que a gente vai mostrar para os senhores. Essa área aqui, em destaque, é um piso técnico onde estão todas as utilidades que, por uma questão de facilidade, essas utilidades alimentarão então toda a parte de internação que está aqui para cima. E a parte de UTI, centro cirúrgico etc. que está para o lado de cá.

Eu vou detalhar agora, então, cada um dos andares, para que a gente possa esclarecer melhor. Aqui, nós temos um espaço que compõe então toda a parte de circulação. A parte aqui, de cima, é também uma área – a parte de utilidades. Nós temos aí as placas solares, de energia solar, que vai atender a uma parte do hospital, enfim, Pode passar.

Isto aqui é um corte esquemático. Então, eu vou mostrar – para que os senhores entendam a apresentação, eu estou montando primeiro, em corte, como esse ambiente está no corte do prédio e, em seguida, ele vai aparecer em planta.

Então, este primeiro subsolo aqui é uma área de estacionamento que tem entrada pela Rua Alves Maldonado. Também tem uma parte aqui do SAME e uma parte do morgue, que ficou aí, por conta de facilidade de saída etc. Pode ir. No nível de cima, que a gente está chamando de embasamento, nós temos então o pronto-socorro, que tem uma ligação – conforme eu falei para os senhores – com a praça; uma área toda de Imagenologia e uma parte de serviços, laboratório, rouparia, a parte de esterilização, farmácia, almoxarifado, vestiários, sendo atendidos por essa doca, que entra por um nível superior àquele da entrada do estacionamento. Lembrando então que eu falei do núcleo de circulação vertical, não é? Nós temos aqui – são oito elevadores, sendo quatro elevadores de público, dois elevadores de serviço e dois elevadores de emergência, além das escadas, atendendo então a todas as condições de segurança, de Corpo de Bombeiros. Pode ir.

Nesse nível, que a gente está chamando de nível térreo, nós temos então a entrada da área ambulatorial. Temos aqui a recepção. Nesta asa temos, aqui, o ambulatório; do lado de cá, refeitório e cozinha e a parte de docas, que abastece toda essa parte de serviço, as utilidades, entrando então por essa porta da Rua Alves Maldonado. No primeiro pavimento, que já começa então a parte – pode ir – nós temos uma área de psiquiatria, uma área administrativa. Essas áreas todas dão então para um terraço, que compõe a parte superior – aqui, no caso, do pronto-socorro e, aqui, da parte onde nós temos a cozinha, refeitório etc.

No segundo pavimento já começa então a parte que a gente chama de alta decisão. Nós temos, aqui, o centro obstétrico, a área de berçário, UTI pediátrica, berçário, salas de pré-parto e pós-parto. O terceiro pavimento são as áreas de UTI. UTI adulto, centro cirúrgico.

No quinto pavimento então começam as enfermarias, tendo no quinto a enfermaria obstétrica, enfermaria pediátrica. No sexto pavimento, a enfermaria cirúrgica, enfermaria de crônicos, também enfermaria cirúrgica. No sétimo pavimento, a área de enfermaria clínica e todas essas enfermarias são dotadas dos leitos normais de enfermaria e os leitos de isolamento, conforme a RDC 50, ou seja, conforme a legislação exige.

Na cobertura, nós temos então a casa de máquinas de elevadores, caixa d'água, depósitos, enfim. A parte de ventiladores, climatização e, também, as placas

de energia solar. O piso técnico, que está aqui, no quarto pavimento, conforme eu falei para os senhores também, é uma área que é composta de uma série de elementos de utilidade, que alimentam esses ambientes aqui, tanto para cima quanto para baixo. E a parte de ar condicionado, eletrônicos, eletroeletrônicos etc.

Esta aqui é uma imagem do prédio, digamos assim, pronto. Ele tem uma pele, vamos dizer, uma proteção, com uns quebra-sóis, em função da orientação que ele tem, que é uma face norte bastante acentuada. E esses quebra-sóis diminuem a incidência do sol em todas as áreas, reduzindo bastante a carga térmica dentro do hospital, reduzindo assim também toda a energia que a gente gastaria com ar condicionado e com outros tipos de climatização.

Esta aqui é a rua Mar de Espanha, onde nós temos a entrada principal. Aqui é aquele terraço que a gente tem da área psiquiátrica. A praça – essa praça aqui, que ela integraria com – acabou a pilha. Essa praça tem uma integração com o pronto-socorro. E, ali, a entrada toda de serviço, caminhões etc. que atende a parte de utilidades, a parte de cozinha, parte de serviços em geral. E toda aquela parte de cima, na cobertura, onde nós temos também uma série de utilidades, não é?

Enfim, em linhas gerais, o projeto tem essa característica. Nós temos 273 leitos, no total, leitos de internação. São 20 salas cirúrgicas, não é? Temos 20 salas cirúrgicas, 20 salas de UTI. Enfim, dentro, vamos dizer, do que o espaço que a gente tinha para toda essa – digamos, o atendimento desses leitos, toda a infraestrutura necessária para que a gente pudesse ter o hospital com um funcionamento adequado e com todos os procedimentos médicos exigidos, da forma correta.

Enfim, então, em linhas gerais, é isso aí e a gente está aqui à disposição para eventuais dúvidas e questionamentos que os senhores possam ter. Obrigado.

- (?... - 16m31s).

Ricardo Rezende - Eu gostaria de fazer inscrições para perguntas, de maneira sequencial. Já tem uma lista ali? Vamos fazer um conjunto com cinco perguntas e a gente vai respondendo em bloco. Eu gostaria de chamar o doutor Borelli para a mesa, para facilitar para a gente ...

- Apesar de que, tem oito pessoas (?... - 17m19s).

Ricardo Rezende - Isso. Eu pediria para a pessoa, ou vir aqui na frente, ou levar o microfone. Então, vamos vir aqui, para a frente. Givaldo do Espírito Santo,

Antônio de Oliveira Gomes, Daniel Azevedo, Cícero Floriano. Vão ficando por aqui que, assim, agiliza na sequência.

Egivaldo do Espírito Santo - Boa noite a todos e a todas. O meu nome não é Givaldo, é Egivaldo do Espírito Santo. Eu sou um dos diretores do Sindisep, Sindicato dos Servidores Públicos Municipais. E tenho algumas perguntas sobre esse projeto. Eu visito locais de trabalho e tenho encontrado alguns problemas e eu me considero defensor do SUS e defensor do serviço público. E a gente não tem como defender o SUS, se a gente não for capaz de organizar um fluxo de pacientes na entrada de um hospital. Eu tenho encontrado alguns problemas. É o seguinte, simplesmente, em algumas unidades, se mistura observação masculina, observação feminina e paciente psiquiátrico. Isso é simplesmente um desastre, para profissionais e para pacientes. Então, eu quero perguntar. Foi apresentado aqui, tem uma área de pronto-socorro. Então, eu quero saber se tem sala suficiente nessa ala de pronto-socorro, para separar observação masculina, observação feminina e paciente psiquiátrico. Porque uma das alegações que eu encontrei nos locais de trabalho é: “Ah, é a planta física.” Muito embora, eu acho que os diretores de hospitais têm que se virar, têm que dar um jeito com essa planta física e resolver esse problema.

Eu quero aproveitar a presença das autoridades aqui, para pensar nesse assunto. Porque, de fato, esse é um problema sério. Eu vi pessoas saindo, desistindo do atendimento, na frente no hospital, por conta daquele problema, achar que aquilo é uma bagunça e que aquilo não tem condições de funcionar. E isso está acontecendo no Município de São Paulo. Então, já que é uma planta nova – e me falaram que “ah, o problema é a planta física”. E também alegaram falta de pessoal, falta de técnicos de enfermagem e de auxiliares de enfermagem, para cuidar desses pacientes separadamente. Ou seja, se está juntando, se está concentrando em um ponto por falta de profissional, significa o quê? Que está sobrecarregando os profissionais. Então, a pergunta é: Essa área de pronto-socorro tem salas suficientes para separar paciente psiquiátrico, observação feminina e observação masculina? Eu creio que todos aqui entendem de saúde, entendem de funcionamento de hospital. Se não entendem, eu vou esclarecer: Observação é o local onde fica paciente acamado e, muitas vezes, tem que fazer troca de fralda. E você usa

biombo, o que não é algo adequado, 100% adequado, mas ameniza o problema. Porém, algumas observações são tão apertadas que você não consegue usar o biombo, você acaba trocando homem adulto na presença de mocinhas, na presença de senhorinhas, totalmente exposto. Isso acontece no Município de São Paulo. É um problema sério, a gente tem que resolver isso urgente, porque é um problema para todos nós, é um problema para a administração, é um problema para o sindicato. A gente está sendo cobrado disso. Isso tem que ser pontuado e resolvido. E, aproveitando a questão da planta, se essa planta contempla esse tipo de situação.

Antônio - Boa noite a todos. Meu nome é Antônio, sou do Conselho Participativo aqui, da Subprefeitura Penha e eu gostaria de fazer uma pergunta aqui, ao secretário, com relação ao início dessa obra. Porque o Haddad esteve aqui há um tempinho atrás, visitando alguns jornais locais e ele deixou claro que na gestão dele esse hospital não será construído. Disse que serão encaminhados os projetos, mas que ele não tem condições de construir esse hospital. Então, diante dessa afirmativa, qual garantia que nós vamos ter de que esse hospital vai sair do papel? Porque muda governo e, geralmente, o governo, se mudar, principalmente, de partido, a tendência é mudar totalmente a vertente da coisa. Então, eu queria saber dos senhores, do (?... - 22m01s), qual a possibilidade de a gente ter essa certeza de que esse hospital vai sair do papel.

Tem a UPA também, está tendo algumas discussões, a gente também quer saber a respeito da questão da UPA e se a UPA, independente da construção do hospital, se ela vai sair do papel. E aguardar a construção. Porque a construção do hospital depende da desapropriação do AMA de lá, para que se possa fazer a construção do hospital. Essa UPA vai aguardar o desenrolar desse hospital ou ela será construída, vai ficar na espera, aguardando – ou outro governo, que seja da linha do governo atual, se ela vai fazer seguimento de construir essa UPA e deixar o hospital pelo menos iniciado, em outro governo. Então, essa é a pergunta, é essa garantia que eu gostaria de ter, se realmente esse hospital vai sair do papel. É isso aí, obrigado.

- Cícero Azevedo, não vai falar?

Cícero Floriano - Cícero Floriano.

- Floriano. Desculpe. Daniel Azevedo não está? Não vai falar? Então, é Cícero

Floriano, por favor.

Cícero Floriano - Boa noite a todos. Meu nome é Cícero Floriano, eu sou do Conselho Participativo da Penha. Quero agradecer a presença do secretário e do ex-secretário de Saúde e todos os presentes, autoridades e todos os munícipes. O ex-subprefeito também, o Perrella. E a todos nós, aqui. Bom, um breve histórico que nós fizemos, alguns pedidos que vão ser protocolados aos senhores, um destinado exclusivamente à Secretaria de Saúde e a outra secretaria envolvida, que é a SIURB, não é? Confesso aos senhores que nestes dois últimos anos do Conselho Participativo, nós tivemos que ir até a Câmara de Vereadores para poder conseguir as nossas demandas. À época, era o senhor José de Filippi que estava na secretaria. Para minha surpresa, um engenheiro. Não que isso seja um demérito, que ele é um bom engenheiro, que eu conheço o currículo dele. Mas fiquei muito esperançoso e feliz quando soube que a secretaria iria ser assumida por um médico – que, também, eu pesquisei o currículo do doutor Padilha. Porque nada melhor do que a Saúde na mão de um médico, não é? Que eu acho mais coerente. E nós sabemos que, sem saúde, não há vida, sem a vida não tem município, não tem estado, não tem federação, não tem político, não tem vereador, não resta nada.

A audiência aqui é especificamente sobre o Alexandre Zaio, que é uma demanda de 2001. O nosso colega, que começou essa batalha, está aqui presente. E a nossa colega também. Ele ainda tinha cabelo escuro, ele não tinha cabelos brancos. A nossa preocupação é um compromisso de saber exatamente dos senhores, assinado e protocolado, um compromisso da construção desse hospital. Porque nós já ouvimos muita conversa, muito empurra, e não temos a certeza de que isso vá acontecer. Quero parabenizar o secretário pela entrevista que ele deu no Roda Viva da última segunda-feira. Foi uma entrevista muito feliz, que a preocupação com a saúde, eminentemente ela acontece no município. O poder público tem o primeiro contato com a doença no município. No Roda Viva, foi discutida a questão da dengue, da chikungunya, do zika vírus, no âmbito mundial. O nosso país está em uma lista de países que não devem ser visitados por risco de doença. A Organização Mundial de Saúde foi que disse isso. Então, senhor secretário, a minha preocupação com o Alexandre Zaio é uma questão de honra para o nosso Conselho. O nosso Conselho Participativo prometeu brigar por isso

nesta gestão, que é uma das metas do prefeito Haddad. É uma das metas, a construção de três hospitais. Então, nós não temos certeza nenhuma, porque nós estamos em um ano eminentemente complicado. Pode ser alegado responsabilidade fiscal, não posso mexer no orçamento. Vamos ter convenções de partidos em breve e vai ser um tal de neguinho sumir da área e desaparecer para ser cabo eleitoral de um e de outro. E nós vamos ficar a ver navios. É simples.

Nós só queremos o compromisso de que isso vai sair do papel. E, para isso, precisa assinar o edital. Assinem o edital, assinem a concorrência pública. A questão de saúde é questão humanitária. Eu não vou tomar mais o tempo. As outras demandas, já estamos protocolando junto aos senhores. Eu gostaria de uma resposta por escrito. A URSI – que é do conhecimento do doutor Celso, que eu fui até a Câmara Municipal e há um ano a Câmara Municipal não respondeu. Vieram na Câmara no bairro e alegaram que nem sabem do documento. Perguntaram para mim o que era Conselho Participativo. É uma pouca-vergonha. Então, a URSI é uma necessidade também, urgente. As UPAs, a UBS. A UBS, secretário, de Engenheiro Trindade, ali, na Gabriela Mistral, é a UBS que atende ao maior número de casos de dengue em São Paulo, porque ela atinge uma região que pega o Vale do Tiete, o Cangaíba. E é o maior número de casos de dengue atendidos. E atendem muito bem. Muito bem. Não vou tomar mais o tempo. As demais questões estão protocoladas no nosso documento, que vai ser entregue às mãos dos senhores. Muito obrigado.

- Nós vamos pedir para as pessoas serem mais breves nas perguntas. Então, nós vamos limitar para um minuto, o tempo, tá? Agora, é o senhor Ivan Cáceres.

Ivan Cáceres - Boa noite a todos. Boa noite ao secretário Alexandre Padilha, boa noite ao ex-secretário José de Filippi Júnior. Eu sou Ivan Cáceres, represento aqui o vereador Gilberto Natalini, que é membro da Comissão de Saúde da Câmara Municipal de São Paulo. Em nome do vereador, quero parabenizar a Secretaria, o secretário anterior e o secretário atual, pelo projeto. Essa é uma iniciativa, é uma demanda antiga dessa comunidade, é um anseio. Epidemiologicamente, justifica essa intervenção, essa obra, nesse território. Então, parabéns à Secretaria. Porque tem várias etapas, nós sabemos disso, não é? Projetos, audiência pública, que antecedem todo o processo de construção. Mas, independente disso, reside uma

preocupação – secretário e a SIURB também –, que é a questão das fontes de financiamento. Nós todos sabemos, hoje, que a saúde pública enfrenta uma crônica escassez de recursos. Então, reside essa preocupação. Fontes de financiamento, o Tesouro Municipal e União. Como fica a participação? O custo do projeto, como é que ficou, quanto custou esse projeto, não é? E a obra, em si. Um cronograma físico da obra, não é? Obviamente, dependendo desse cronograma financeiro, desse aporte de recursos.

Agora, quanto ao projeto, pelo que foi demonstrado aqui pela SIURB, parece que é uma obra que contempla o anseio e a população desse território. 273 leitos, um belo hospital. Você vai ter dez leitos de pediatria infantil. Muito bom. E 20 leitos de UTI – perdão, UTI pediátrica e 20 de UTI adulto. Sob esse aspecto, são mais técnicos, não é? Mas, de uma maneira geral, é um projeto que contempla, epidemiologicamente, a região, residindo essas preocupações que nós manifestamos aqui, certo?

Agora, secretário, o senhor me permite, tem três coisinhas pontuais, muito rápidas, aqui. A questão da UBS Engenheiro Trindade. Essa UBS já está em um processo bastante avançado. Ela já tem um projeto, já tem um processo constituído para isso e, inclusive, um orçamento já definido para a obra. E parece que a modalidade desse equipamento vai ser similar ao Jardim São Nicolau, que está em andamento aqui, nesta região. Parece que é um prédio com dois andares. E depende, também, secretário, parece que do aporte de recursos. Eu não sei se já existe recursos para essa obra da UBS Engenheiro Trindade. Essa obra é relevante, porque ela está localizada em um território de considerável vulnerabilidade. É uma área bastante vulnerável, como disse o meu antecessor aqui, inclusive com pessoas em situação de dengue, infestação de *Aedes aegypti* e ponto.

A segunda do território é a UBS-AMA Cangaíba. Parece que está havendo uma mudança na modalidade do equipamento. Ele vai ser uma UBS-AMA integrada. E está dependendo aí da definição do parceiro, no território, para ocorrer essa operação. Essa alteração, passando para o parceiro, vai permitir que se cumpra a parte de TLP. Porque, hoje, um dos problemas dessa UBS-AMA Cangaíba é TLP, se não me falha a memória. Com um parceiro, certamente, provavelmente, facilitaria isso aí.

E quero dizer, secretário, que a nossa luta aqui já é antiga. Tanto que, lá atrás – bem lá atrás –, nós intervimos fortemente, para que se implantasse aqui, atendendo ao anseio desta população, o AMA 24 horas, de Engenheiro Goulart. O que não é suficiente. Muito obrigado e boa sorte a todos vocês.

Eu vou me permitir fazer um pequeno aparte aqui. Eu entendo que as demandas pela saúde são imensas, são enormes. Mas eu gostaria de pedir para a gente concentrar o nosso assunto no Hospital Alexandre Zaio. Por favor. Porque o nosso tempo aqui está se esgotando. Nós temos um período para cumprir, desta audiência pública, que deve ser focada no Alexandre Zaio. Por favor, vamos concentrar aqui nas dúvidas com relação ao projeto, está bem? Eu entendo – as demais, a gente pode encaminhar, depois, as perguntas para a gente. A gente – a Secretaria da Saúde não vai se furtar a responder e, eventualmente, a gente também pode, outros assuntos, encaminhar posteriormente. Está bem? Eu agradeço a compreensão. E vamos para a frente. O próximo. Lilian, por favor, chame o próximo interessado. Obrigado, viu? Compreendam, por favor, mas a gente tem um protocolo a seguir aqui, que é meio rígido.

Ricardo Rezende - Fábio Araújo Pereira.

Fábio Araújo Pereira - Alguns conselheiros do Conselho Participativo fizeram alguns questionamentos que nós vamos encaminhar, tanto ao secretário de Saúde como também à SIURB, para que nos tragam alguma coisa mais palpável. Porque o que basicamente esses conselheiros viram, pegando um histórico, é que esse hospital parece que está meio encantado. Mais ou menos desde 2001, ele não sai. E a principal preocupação de todos é: Vai ter dinheiro para construir isso? A grande dúvida é essa. Porque, desde 2001, há questões que o atual Zaio já não dá mais conta. Está muito ruim. Mas está ótimo o projeto, está lindo, está maravilhoso. Agora, vai ter dinheiro, vai ter orçamento? Tem isso? Está garantido? Essa é uma das dúvidas.

A segunda dúvida é: Beleza, vamos construir o hospital. Construimos o hospital. E depois: Quem é que vai tomar conta? Vai ser a OS? Vai ser a própria Prefeitura? Vai ter funcionário público ou vai ser OS? E depois? Esse orçamento para construção já está prevendo equipamentos, tudo o que vai estar lá dentro? Então, assim, é uma preocupação muito grande da população, porque está desde

2001 esperando promessas. E passa governo, entra governo, sai governo, entra governo e nada é feito. Então, peço a atenção dos senhores para que vejam com calma e vejam muito bem o que os senhores estão fazendo aqui. Sabemos que, hoje, está se abrindo uma licitação – até, pelo site, a gente vê que tem 22%, parece, de andamento desse projeto, dessa obra. Será que a gente chega a 50% ou alguma coisa assim, até o final do ano? Porque a grande preocupação – como até o Cícero, o outro conselheiro, disse aqui, é: Chega abril, já começa, já não pode mais licitar ou já não pode fazer muita coisa, por causa do período eleitoral. Depois, passa-se o governo, cai-se em outro governo. Aí, não, essa não é mais a minha prioridade. Não é prioridade do próximo governo, mas a população está, desde 2001, com essa prioridade atrasada, não é? E, aí, seriam esses, mais ou menos, os nossos questionamentos, quanto ao Alexandre Zaio. E, daqui a pouco, nós vamos protocolar, tanto com o SIURB, como com o secretário Padilha, algumas – os ofícios com questionamentos que nós gostaríamos que nos viessem por escrito. Muito obrigado.

- Osni Pandori.

Osni Pandori - Boa noite a todos e a todas. Infelizmente, a gente tem pouco tempo para falar de tudo, porque o poder fica muito longe. Então, quando vocês vêm aqui, a gente é obrigado a falar de tudo. Porque, senão, fica aquele espaço muito grande. Vou me ater ao Hospital Zaio. A Meta 22 corresponde a três itens, seriam três hospitais. Pegando, hoje, no Plano de Metas, está com 71% pronto. Aí, você pega a participação de cada um – o nosso secretário de Saúde comentou que um está com 23%, que seria o mais avançado, Brasilândia, 23%. Ou, melhor, Parelheiros, com 23% pronto. São declarações do Padilha. Você pega o Hospital de Brasilândia, que já está em obras.

Só que, tem um detalhe: Quando o Fábio falou de verba, foi emitida a lei agora, dia 19, que precisa ser vendido o hospital, a área da Portuguesa de Desportes, para poder ter verba para a construção do hospital. Junto com isso, tem um terreno, que é na Voluntários da Pátria, que precisaria saber também se foi vendido. Porque são esses dois terrenos que vão garantir parte da obra. Então, como é que uma coisa que ainda precisa ser vendida – vai ter verba? O nosso Alexandre Zaio, não tem nada, nem compromisso. Então, precisaria de uma

resposta ou de um parecer um pouquinho mais objetivo e um tempo um pouquinho menor para que vocês estivessem aqui e respondendo para a gente.

A gente tem essa UBS de Trindade, que está parada há muito tempo, não é? Já foi – o projeto já está pronto, é só fazer. E, no entanto, está difícil, essa situação. E um adendo: A gente tem o Hospital Santo Antônio que, hoje, existe uma parte funcionando e existe uma parte que está parada. Por que é que o poder público não faz essa parte funcionar? Tem condições, está construído, o prédio. Segundo o doutor Celso, é só fazer talvez o aditamento para que a coisa comece a funcionar. Ele começou com uma maternidade. Eu estive lá hoje e a maternidade não pode ser atendida, não tem leito disponível porque está cheia. Então, são coisas que não são muito complicadas e não vem muito investimento. É só um pouquinho de boa vontade, que eu espero que os senhores atendam a essa boa vontade. Muito obrigado e já estão convidados a retornar para dar o parecer de vocês sobre as nossas solicitações. Por favor.

Ricardo Rezende - Eu gostaria de responder a esse bloco de perguntas, para a gente não se alongar demais. Eu gostaria de chamar o secretário Padilha, se possível, para compor a mesa. E, assim, a gente começar aqui com o Borelli e o Padilha já respondendo a uma boa parte dessas perguntas, não é? Vamos lá?? Borelli.

José Borelli Neto - Respondendo aí à parte que me toca – que o Egivaldo perguntou –, nós desenvolvemos esse projeto junto com a equipe da Secretaria da Saúde e a equipe da SIURB, que nos assessorou e passou todo o programa e tal. E uma das preocupações, principalmente da Secretaria da Saúde, era exatamente esse seu questionamento, onde a gente pudesse ter uma divisão, tanto para a parte de internação, para a parte de recuperação, masculina, feminina, pronto-socorro. Então, se você analisar – é que eu passei rápido, para não enfadá-los muito, porque também não tem muito sentido, mas se você olhar a planta, você vai ver que existe toda uma separação, tanto da parte que você falou, da recuperação – e, principalmente da parte psiquiátrica, é uma ala completamente independente, completamente separada. E, dentro dessa ala psiquiátrica, nós temos também uma separação masculino e feminino, muito caracterizado. Nós tivemos muita preocupação com relação a isso. Essa demanda veio da Secretaria e foi atendida no

projeto. Então, com relação a isso, você pode ficar tranquilo, que isso está bem atendido. Tá? Obrigado.

Alexandre Padilha - Boa noite. Boa noite a todas, boa noite a todos. Eu queria agradecer ao nosso prefeito Pedrinho, agradecer ao Ricardo, da SIURB, ao nosso projetista. Um agradecimento especial ao ex-secretário José de Filippi, meu grande parceiro e que, hoje, na SIURB, SPObras, vem dando continuidade ao seu trabalho de acompanhar todas as obras aqui, na região. Um abraço ao Celso, supervisor de Saúde aqui, da Região; à Ana Lúcia, da Coordenação Regional aqui, da Leste. E um grande abraço a todos os lutadores e lutadoras da construção do Alexandre Zaio, da luta pelo SUS também, aqui.

Eu acho que hoje é um dia histórico, como foi dito, desde 2001 se fala mas não se faz. Certamente, o desejo e a vontade de se fazer e a luta da população vem antes de 2001. E acho que essa audiência pública tem um papel legal, como disse aqui o doutor Ricardo. E é um papel fundamental para que a gente possa dar os próximos passos. Ouvir cada um de vocês, ouvir o que pode ser entregue de forma eletrônica, por e-mail, oficialmente para a Secretaria e SIURB, sugestões que possam existir aqui, é fundamental para se a gente precisa ou não alterar alguma coisa no projeto que foi apresentado. Isso faz parte da exigência legal. E, na medida que reformula o projeto, abrir o processo de licitação e começar a construção da obra, não é? Então, como vocês mesmos falaram, muita gente já falou, o prefeito Haddad vai fazer.

O primeiro grande passo do compromisso de fazer é exatamente concluir a audiência pública, concluir o projeto, poder iniciar a licitação. Não existe nada – eu acho que é bom essa audiência pública, para a gente poder esclarecer as pessoas. Não tem nada que impede – se alguém, algum prefeito ou prefeita, algum dia, falou que não podia fazer coisas depois de abril, mentiu para vocês, está certo? Não tem nada que impede a gente de fazer a licitação, o edital, você contratar a empresa, dar início das ações de início à obra. Porque isso pode ser feito ao longo do período eleitoral. O que não pode é fazer comemoração, não pode fazer inauguração, se o prefeito ou a prefeita for candidato. Então, o dia de hoje é um dia muito importante. Além da audiência aqui, presencial, como o Ricardo falou, a gente gostaria, se tiver alguma questão a ser apresentada ainda, que se apresente por e-mail, para que a

gente possa responder isso – não é, Ricardo? O mais rápido possível, para que a SIURB, que é quem coordena isso na Prefeitura, possa dar os passos necessários para a gente fazer a licitação e, com a licitação, poder começar a obra.

Qual é o grande compromisso – como foi dito aqui – de uma gestão, em relação à obra poder começar? É exatamente fazer o edital de concorrência, fazer a licitação, a licitação encerrar e homologar a licitação e, aí, está pronto para começar a obra. Como vocês falaram aqui, vocês já foram enrolados, muitas vezes, sobre esse tema. Então, eu acho – nunca, ninguém apresentou um projeto detalhado para vocês, como foi apresentado aqui. Nunca, ninguém fez uma audiência pública formal, legal. Isto aqui não é só uma reunião, é um ato legal que está sendo realizado, vai ficar publicado no site da Secretaria. As perguntas, as respostas, são publicadas. Ou seja, são passos concretos que estão sendo dados para a construção, para dar para essa região um hospital com qualidade.

Eu acho que duas questões, dois gestos podem fazer vocês acreditarem nisso. Primeiro, o gesto legal, como eu estou dizendo aqui. A conclusão de todo esse gesto legal. Ele tem etapas. Um hospital como esse não se constrói em meses. Um hospital de quase 300 leitos, não é? É um hospital complexo, é um hospital que vai ser construído em cima de um serviço que já existe. E todos esses prazos ficam claro quando a gente termina a avaliação do projeto, faz o edital, faz o processo da licitação. Concluída a licitação, você pode dar clareza em relação aos passos e o cronograma disso. Então, o primeiro motivo para acreditar é que nunca – desde 2001 está aqui, mas nunca se chegou a este momento legal, como nós estamos chegando aqui. O segundo é que o prefeito Haddad é o único que apresentou para a cidade, que disse que ia fazer três hospitais e vai fazer três hospitais. Já entregou um hospital pronto, dez anos depois que a Cidade de São Paulo não tinha um hospital novo. Já entregou hospital novo, que é o Hospital Santa Marina, o Hospital Gilson Carvalho, 270 leitos já funcionando, com UTI. O primeiro hospital municipal que tem transplante. Maternidade, atendimento a adulto, que cobre aí uma parte da periferia da Região Sudeste e da Zona Sul da cidade.

O Hospital de Parelheiros está pronto este ano, não é? Então, a pessoa ali, o Osni, falou da entrevista dada ao *Diário de São Paulo*, final de novembro, começo de dezembro, publicada no final de dezembro. O *Diário de São Paulo* deve ter pego

ali como é que estava o ritmo da obra naquele momento, mas a obra está andando rápido. É ágil, está pronto este ano. Agosto, começa a funcionar o Hospital de Parelheiros. E o Hospital da Brasilândia, que também já tem recurso garantido. É importante vocês saberem. No ano passado, a Câmara Municipal de São Paulo, a pedido do prefeito, aprovou – a Cidade de São Paulo tinha uma espécie de cessão de uso da área de um hospital, na Zona Norte de São Paulo. A Câmara de São Paulo aprovou uma espécie de licitação dessa área e o prefeito pegou o recurso – que ele podia ter pego esse recurso e colocado em qualquer outro lugar –, ele mandou um projeto para a Câmara, pedindo que aquele recurso fosse direcionado para o Hospital da Brasilândia. Então, 75 milhões. Por isso que já está em obra. E, agora, vai buscando mais recursos de outra forma, como foi dito aqui, na Câmara Municipal, esse outro recurso completa o Hospital da Brasilândia.

O Hospital da Brasilândia só não estará pronto em dezembro de 2016 porque foi feita a solicitação, pelo Governo do Estado, à época, que está fazendo um projeto de extensão do Metrô. A gente não sabe, é difícil saber quando é que vai ficar pronto, o Metrô, quando vai chegar até lá. Mas, de qualquer jeito, foi solicitado que se mudasse o terreno para que o hospital já ficasse no local, exatamente onde vai ser a futura estação do Metrô. Isso é bom para os profissionais, para os médicos, para os pacientes. Por isso, teve uma mudança no local e por isso teve o atraso, por conta disso. Por isso, não vai ficar pronto no final de 2016, mas vai ficar pronto em 2017. E de forma criativa. É verdade, o que o pessoal falou aqui é verdade. O Brasil vive um momento de dificuldade, o que faz com que muita gente pare obras. Eu citei o Metrô aqui, é um exemplo. Quem vive aqui, mora na Zona Leste, dependendo da região, sabe de obras do Metrô que começaram e estão paradas. Tem gente que fecha serviço, fecha escola, fecha hospital, fecha maternidade, não é?

Nós – e, aí, sob a liderança do prefeito Haddad, estamos tendo a coragem e o compromisso de, mesmo em um momento muito difícil, abrir serviços, construir obras, construir ações, sobretudo na área da saúde. Então, eu acho que hoje é um dia muito especial e histórico. E essas duas questões podem dar segurança para vocês, que o prefeito Haddad, no comando desta Prefeitura, como ele está fazendo hoje, tem dado passos legais e gestos claros de que vai fazer e construir esse novo hospital. Por isso que é importante, no dia de hoje, ter as propostas de alteração,

encaminhar. Ricardo, eu não sei se tem uma data, do ponto de vista legal, de, além do que falar hoje, se tem uma data limite para apresentar qualquer sugestão por e-mail. Para que, o mais rápido possível, a gente possa analisar as sugestões em relação ao projeto, para concluir o projeto e começar a licitação.

Eu falei de três hospitais, mas na saúde, nós estamos fazendo mais do que isso. Nós estamos fazendo 30 hospitais-dia. Aqui, o Rede Hora Certa da Penha foi um dos primeiros hospitais-dia em funcionamento. A semana passada, eu estava no hospital-dia do Hora Certa da Penha e, inclusive, a gente vendo o aumento de cirurgia de catarata, aumento de cirurgia de varizes, poder fazer exames mais rápido. As reformas que estão sendo feitas lá. Serão 30 hospitais-dia em todos os bairros, nas subprefeituras da periferia da Cidade de São Paulo. Nós estamos fazendo – vocês sabem disso – a UBS nova do Jardim São Nicolau, como foi dito aqui, que também é uma UBS histórica. Quem conhece o movimento popular de saúde da Zona Leste sabe da importância dessa UBS. Está em um ritmo muito animado. Nós estamos fazendo a UBS do Vila Esperança, que o prefeito, inclusive, vai vistoriar as obras amanhã. Quem quiser, está convidado, às nove horas da manhã. A UBS do Vila Esperança, também é uma UBS importante aqui. Duas UBSs novas. Fizemos a reforma da UBS Vila Sílvia, no processo da integração. Fizemos reforma da UBS do Parque Villa-Lobos, no processo de integração. E vamos fazer, além do hospital, a UPA aqui, no Alexandre Zaio, que é muito importante, também.

Eu não ouvi aqui ninguém falar, eu já recebi e-mails, Facebook e não sei o quê, de pessoas que questionam nós fazermos a UPA Alexandre Zaio. Pessoas que querem, propõe outro destino para aquela área. Eu sei que a maioria da população defende, o Conselho defende, fazer a UPA. Então, eu acho que, também, se tiver alguém que é contra fazer a UPA lá, precisa se posicionar logo. Porque também nós estamos no processo de licitação. O projeto está pronto, temos o terreno garantido para poder fazer a UPA Alexandre Zaio. Ela é muito importante, inclusive para complementar o Hospital Alexandre Zaio. Então, vai ser muito importante fazer essa UPA. Se tiver alguém que é contra, precisa se posicionar logo sobre isso. Isso, então, é importante se posicionar, ou aqui, ou mandar formalmente isso por e-mail, porque ...

- (?... - 53m08s).

Alexandre Padilha - Sim, então. Não sei, é o Ricardo que conduz aqui. Se tiver alguém que é contra fazer a UPA Alexandre Zaio, é importante se posicionar – se não aqui, no microfone, formalmente, por e-mail. A gente pode fazer plebiscito, pode fazer consulta. Não tem problema nenhum, está certo? O encaminhamento da Secretaria da Saúde e da SIURB, que faz as obras, é porque tinha um entendimento, tanto do Conselho, posicionamento favorável de fazer. Se tem questionamento – não é?

Foi perguntado aqui sobre a UBS Engenheiro Trindade, de uma área do lado do mercado municipal. Infelizmente, essa área, na visita que é feita pelo setor de Engenharia, não foi considerada como área adequada para fazer uma UBS. Eu estou falando da informação que nós temos, certo?

- (?... - 53m58s) que está liberada a área.

Alexandre Padilha - Não. Uma coisa é a subprefeitura fazer a cessão de uso. A outra coisa é o setor de Engenharia – não da Saúde, mas da SIURB também – ir lá, visitar esse terreno e falar se esse é um terreno adequado a fazer uma UBS integral. A informação que eu tenho, passada aqui, é que não foi. Essa foi a informação que me passaram aqui, certo? Porque, além das UBSs que já estão em construção, este ano nós estamos abrindo a licitação de mais 23 unidades básicas de saúde na cidade, como um todo.

Nós temos também dois CAPSs, que são um CAPS álcool e drogas e um CAPS adulto, que são CAPS importantes hoje, que funcionam só durante o dia. Já está no contrato de gestão, que eles possam funcionar 24 horas, temos que contratar os profissionais, é possível colocá-los para funcionar 24 horas. E, além disso, além dos 30 hospitais-dia e dos três hospitais gerais e de começar o processo, fazer a licitação, para a gente poder fazer a licitação e começar a obra aqui, do Alexandre Zaio, tem outros quatro hospitais – o Itaquera, Ermelino Matarazzo, um na Zona Norte, Pirituba. E outro – na Região Sudeste também, Jabaquara –, que é o Saboy, que são hospitais antigos do município, onde acontece a situação – uma parte importante da situação que acontece, de más condições de trabalho dos profissionais, más condições para os usuários, em geral, são duas situações: Uma, é porque você não pode fechar a porta do hospital. Então, vou só dar um exemplo: Sempre nascia mais criança em maternidade do estado do que em

maternidade do município, no Estado de São Paulo – na Cidade de São Paulo. De 2013 para cá, quando o Fernando Haddad assumiu, começou a nascer mais crianças em hospital municipal. Por quê? Porque as mães estão indo mais para o hospital municipal, para a maternidade municipal, para ter o filho? Não. É porque o estado fechou maternidades estaduais. Só na região de São Mateus, que fazia 500 partos por mês, passou a fazer menos de – quase 100 partos. Então, isso, às vezes – toda vez que o estado fecha um hospital, fecha um pronto-socorro do hospital, fecha uma ala do hospital – às vezes, para fazer reformas –, isso aumenta a pressão sobre os hospitais municipais. Então, tem aumentado fortemente a pressão sobre os hospitais municipais. Isso, às vezes, gera a situação. Agora, na grande maioria das vezes, junta a pressão com o fato de serem hospitais antigos, que foram construídos com modelos antigos, ainda, da saúde. Isso evoluiu muito. Conceitos que, na época, não tinha. Por exemplo, o conceito da humanização, não é? Então, por isso a importância de um hospital como o Alexandre Zaió, das UPAs. Porque elas já são construídas – do Rede Hora Certa da Penha – que já são construídas, reformadas, consolidadas com o conceito de humanização. Então, eu acho que é muito importante isso.

Eu quero aproveitar só para falar duas coisas, rapidamente. Primeiro, reforçar a preocupação e o cuidado que todos nós temos que ter com o combate à dengue. À dengue, a chikungunya e zika. Amanhã, o prefeito não vai só – viu, Sílvia, do Seconci, parceira aqui –, não vai só visitar as obras da UBS, mas também vai fazer uma visita do que a gente chama de pontos estratégicos. Nós mapeamos mais de 3.000 pontos na cidade, que não é possível você remover. Porque, por exemplo, o de amanhã é um terreno alugado, que a Polícia Civil do Estado usa para colocar carros lá. Então, são pontos que você não pode tirar, você faz um tratamento químico, de larvicida, de 15 em 15 dias, para impedir a transmissão do mosquito. Então, nós estamos fazendo isso em mais de 3.000 pontos. Então, o prefeito vai visitar isso também, aqui perto, porque fica perto da passagem de blocos de carnaval aqui perto, aqui, na Vila Matilde. Então, nós mapeamos os pontos estratégicos, para tentar evitar, nesses locais, qualquer risco de o carnaval ajudar a reforçar a transmissão de dengue. Então, eu queria só reforçar a importância do combate à dengue. E pedir para vocês, cada um de vocês – estão vários membros

do Conselho aqui, do Conselho Municipal, do Conselho Gestor, do Conselho Local –, acompanharem as ações que nós estamos fazendo. Acompanhar as nossas visitas. A gente está muito perto das unidades. Eu, três vezes por semana, estou nas unidades. A coordenadora está, todo dia. O supervisor está, todo dia. A gente poder acompanhar, porque nesses contatos, também, a gente vai poder esclarecer as questões outras aí, da saúde. Então, obrigado. E acho que nós estamos em um momento histórico.

- (?... - 58m49s). A URSI.

Alexandre Padilha - Nós – como nós estamos fazendo a Vila Esperança, nós vamos poder transferir a equipe que hoje fica naquela antiga unidade que é alugada. Ali vai ficar o PAI, que é o Programa de Acompanhamento do Idoso, que, inclusive, nós estamos ampliando. Todas as subprefeituras da periferia de São Paulo vão passar a ter um programa de acompanhamento de idoso, que não tem. A gente vai poder usar aquele espaço para manter o PAI e, aí, ampliar e constituir uma URSI. Como nós estamos fazendo no corre-corre ali, na região de Itaquera, uma unidade também. Estamos reformando, ampliando, também, para fazer uma nova URSI. A Zona Leste vai ganhar mais três URSIs este ano. E todas as subprefeituras vão ter um Programa de Acompanhamento do Idoso que, hoje, nem todas têm o Programa de Acompanhamento do Idoso. Está certo?

- (?... - 59m40s).

Alexandre Padilha - Eu não sei se o Ricardo precisa responder, mais rápido, coisas do hospital. Depois, eu fico aqui, podem ...

Ricardo Rezende - Só uma questão de ordem. Eu tenho mais seis pessoas inscritas. E nós não temos mais tempo para inscrições novas. Então, assim, essas seis pessoas que estão inscritas, eu queria fazer um acordo aqui. Se vocês quiserem formular por escrito essas perguntas, eu me comprometo a responder também por escrito, eu mando a resposta por e-mail e publico a pergunta e a resposta no nosso site. Está bem? Agora, eu posso, também, dar um minuto para a pergunta, rigorosamente, para a pergunta. E a gente responde depois, em bloco. Pode ser assim?

Fátima - Pode ser assim. Então, eu já sou a próxima.

Ricardo Rezende - Por favor.

Fátima - Eu sou a Fátima, conselheira do Orçamento Participativo e conselheira do Conselho de Saúde do Alexandre Zaio. Eu coordeno o Conselho do Alexandre Zaio. Muito me honra a presença de vocês. E, em dois mil e – 17 de setembro de 2013, eu entreguei, ao senhor Filippi, 10.700 assinaturas, onde cobrava a construção do Hospital Alexandre Zaio. Tendo em vista que a UPA veio – o AMA – veio para desafogar o atendimento, que estava engessado. Na época que foi instalada a UPA, o nosso atendimento lá era de 3.000, 3.200 pessoas. Hoje, o Alexandre Zaio atende, em média, 17.500, 18.000 pessoas.

É lastimável ver uma pessoa no corredor. Dói na alma quando uma pessoa fica esperando uma vaga de UTI e essa vaga é negada. Quando o médico está lá, pedindo uma vaga zero, e espera dois, três dias, para que essa vaga surja. Então, assim, pela primeira vez, nós temos um projeto que está sendo mostrado, divulgado. E eu espero que vocês viabilizem e tenham, assim – não deixem as pessoas morrerem na fila. Porque você só sabe o que é uma necessidade de uma UTI, quando você tem um parente lá. Quando você vê o outro lá fora, necessitando de uma vaga e que você se sente – os médicos, eles estão amarrados, engessados, eles não podem fazer nada. O Alexandre Zaio é composto de uma equipe maravilhosa. Eu muito me orgulho de falar daquela equipe. Mas falta suporte. Então, a minha indignação é a falta de compromisso do poder público. Então, imensamente, eu agradeço a vocês pelo projeto, eu quero que acelere a construção da UPA e, também, do hospital. Muito obrigada e tenham todos uma excelente noite.

- Senhor Edmilson Nunes.

Edmilson Nunes - Boa noite a todos. A minha pergunta é só sobre o processo licitatório. Eu queria saber qual é o valor estimado para execução da obra, que não foi falado; qual vai ser o prazo de execução dessa obra; qual a previsão da publicação do edital de licitação; se a modalidade que vai ser usada vai ser concorrência pública, mesmo. Referente aos recursos, não foi respondido ainda qual a origem e se está disponível, sim ou não, por favor. E eu queria também que frisasse a empresa responsável pelo projeto executivo – que está fazendo ou terminou, eu não sei. E sobre as licenças ambientais, como é que está, se estão em andamento, se vai estar disponível até o processo licitatório. E se esse material vai estar disponível no site. É só isso, obrigado a todos, boa noite. É só.

- Senhor José Paulo.

José Paulo - Boa noite a todos e a todas. Meu nome é José Paulo. Eu sou conselheiro – eu fui conselheiro participativo, neste mandato eu não estou. E sou conselheiro na Saúde, aqui, na Penha, na supervisão da Penha. Quero cumprimentar o secretário, o Filippi, o doutor Celso. O que eu tenho acho que para falar, é o sentimento de desagrado de toda a nossa comunidade, sobre o Zaio. Eu não vou começar desde 2001, como foi citado, mas eu vou pegar, eu vou me ater a partir de quando eu tive conhecimento desse projeto, que foi no dia primeiro de dez de 2013. Esse projeto que o senhor falou que é novo. O senhor me desculpe, eu acho que é um equívoco. Esse projeto, ele começou no dia um, apresentado para nós, no dia primeiro de dez de 2013. Ou seja, dois dias antes da eleição, que era para presidente, na Sociedade Amigos da Vila Matilde. Esse projeto, nós tivemos conhecimento lá, desse projeto, lá. Eu tenho até ...

- (?... - 65m05s).

José Paulo - 2013.

- A eleição para presidente foi em 2014.

José Paulo - Desculpe. Em 2014. Da Dilma. O Filipinho estava presente nessa apresentação. E, aí, aconteceu o seguinte: Esse projeto – até falaram o quanto nós já gastamos em projeto lá, que foram dez milhões de reais já gastos em projetos desde 2001. Esse projeto custou dois milhões – que foi falado naquela reunião. Dois milhões de reais. E contemplava o plano de governo do senhor Haddad, que eram três hospitais. Em setembro, o senhor Haddad fez uma primeira prestação de contas deles, em uma escola de samba. Eu estive presente nessa prestação de contas, que era o primeiro semestre dele. E ele falou dos três hospitais, que eram os dois que o senhor falou e mais o Santa Catarina, que tinha um recurso, que era melhor comprar aquele hospital que já estava construído.

Ricardo Rezende - O senhor poderia concluir? Porque nós já estamos há três minutos, já.

José Paulo - OK, OK. Eu estou contando a história da revolta que a gente sabe e está acompanhando isso.

Ricardo Rezende - Eu não entendi a sua revolta ainda. O senhor poderia terminar?

- (?... - 66m16s).

José Paulo - Três. Era – do plano de governo, era o Vila Matilde e mais dois. Aí, ele comprou o Santa Catarina, porque já estava pronto. E não aconteceu. Em outubro, na Conferência Municipal da Saúde, que eu estava presente, eu cobre o Filipinho, eu cobre o Haddad. Ele falou que, infelizmente, isso não ia sair, que não tinha recurso. E estou achando que – na minha opinião, está havendo aí um desencontro de informações. E o que o rapaz acabou de solicitar, eu acho que é isso que tem que ficar claro para nós. E não, de novo, a mesma ladainha. Obrigado, desculpe, mas é a minha resposta.

Ricardo Rezende - Eu vou responder a essas perguntas porque, assim, a gente não perde a memória do que está se falando aqui. Respondendo à pergunta anterior, vai ocorrer uma licitação por concorrência pública. Eu não tenho a data, ainda, da publicação. O hospital de 270 leitos, é estimado em cerca de 200 a 250 milhões de reais. É o preço que se estima dessa obra. O valor do projeto, ele foi desenvolvido em torno de 12 meses de trabalho e custou dois milhões de reais. A outra pergunta, a outra parte que ele perguntou, anterior? O Zaió era um dos hospitais da meta. Mais alguma coisa? O responsável pelo projeto é o engenheiro Borelli, da empresa Borelli e Merigo. O material de apresentação daqui, da audiência pública, vai ser colocado sim, no site. As licenças ambientais, elas vão ser necessárias sim, para a execução da obra. E elas vão ser pedidas junto à Secretaria do Verde e do Meio Ambiente, no momento adequado. Está bem? Assim como a licença do Corpo de Bombeiros, junto à Secretaria de Licenciamento. Tudo isso já está feito e está aprovado, tá?

Prazo da execução da obra. A gente pretende executar essa obra em 20 meses. É um prazo razoável para execução. Agora, a origem dos recursos, é do Tesouro Municipal, tá? Por enquanto, nós não temos nenhuma outra fonte de recursos – não é, Padilha? Nós ainda não temos nenhuma outra fonte de recursos prevista dentro do Tesouro Municipal, tá? É uma concorrência pública, porque uma RDC também é um procedimento de concorrência pública. Ou a RDC ou a concorrência pública, não deixa de ser uma concorrência. Enfim, tinha mais um questionamento aqui, que era? Ah, o cronograma, 20 meses. Aí, o Padilha já falou. Eu acho que tem mais alguma coisa ...

Alexandre Padilha - Eu acho que é importante esclarecer o companheiro, ali. Eu entendo a sua indignação. Desde 2001, mais de uma década esperando. O Hospital da Brasilândia, para vocês terem uma ideia, o Hospital da Brasilândia, que é a região que tem menos leitos – as duas regiões que têm menos leitos hospitalares pela população na Cidade de São Paulo são o extremo da Região Norte, que é a Região da Brasilândia e toda a Região Sul da Cidade de São Paulo. O Hospital da Brasilândia tinha projeto – projeto, não: plano, propostas. As pessoas esperam desde o final dos anos 70, quando foi feito um Plano Metropolitano de Expansão da Saúde na Cidade de São Paulo, Região Metropolitana. Várias das nossas unidades básicas, aquelas que foram entregues em 80 e 90 são frutos desse plano, várias das unidades básicas estaduais. E o Hospital de Parelheiros, se espera há 20 anos. E vocês aqui, na luta desde 2001, para reformular esse hospital que vocês já têm. Então, eu entendo a sua indignação. Agora, é importante esclarecer algumas coisas, até porque, nós estamos em uma audiência pública, que é legal, não é? O que foi apresentado no final de 2014 – não no final de 2013, como o senhor falou –, no final de 2014, foi uma proposta, é um pré-projeto ...

Ricardo Rezende - (?... - 71m15s).

Alexandre Padilha - Isso. Então, é isso que eu estou falando. Então, é a proposta do projeto para debate com a comunidade, com a coordenação, com a rede, quais são as necessidades, quais são os perfis, a partir das discussões que aconteceram, o projetista detalha – que apresentou, aqui, algo mais detalhado. Faz o detalhamento, a partir do que foi dito, e concluiu. E tinha até a proposta de fazer esta audiência pública em dezembro, ainda. Não é, Ricardo? A gente queria fazer a audiência pública em dezembro. Teve um pedido de fazer a audiência pública, não em dezembro, fazer agora, no final de janeiro, começo de fevereiro, porque o pessoal avaliava que iria ter uma participação maior da população. Então, deixar claro, não teve nada apresentado em 2013. Foi no final de 2014, como o senhor falou. O pré-projeto foi apresentado, debatido com a comunidade, as sugestões, incorporação, os profissionais da rede, você compor. E nós estamos fazendo a audiência pública aqui. E eu falei, na minha fala inicial, que o prefeito Haddad vai entregar três hospitais. E vai mesmo. Eu falei do Santa Catarina, falei do Parelheiros e falei da Brasilândia. Eu falei, na fala inicial, está gravado, o público informado, não

é? Depois de dez anos que ninguém entrega um hospital, dez anos – qual é o seu nome, mesmo? O nosso projetista, aqui?

José Borelli Neto - Borelli.

Alexandre Padilha - O Borelli, quando falamos em dez anos, ele está lembrando que os dois últimos hospitais entregues na Cidade de São Paulo o foram há dez anos atrás, o Hospital M'Boi Mirim, no Sul e Cidade Tiradentes, na Leste. E estava comentando que ele foi quem fez o projeto. Ele estava lembrando aqui, que há dez anos ninguém pedia para ele fazer um projeto para hospital em São Paulo. Depois de dez anos de não se fazer projeto, construir, ele estava lembrando aqui, o Hospital M'Boi e Cidade Tiradentes. Então, depois de 10 anos, nós vamos entregar três. E, como disse o Ricardo, nós vamos fazer a licitação deste. Está certo?

E os recursos são recursos – *a priori*, são recursos municipais. Os dois hospitais que nós estamos fazendo. O Santa Catarina, a gente conseguiu uma forma de recurso que é uma parceria com o hospital filantrópico. Eu era ministro na época, o Filippi era secretário, o prefeito veio apresentar essa proposta e conseguimos convencer o Hospital Albert Einstein a ele assumir a reforma, equipamento e o custeio do hospital. Nós conseguimos convencer a eles em relação a isso. Parelheiros e Brasilândia, nós estamos fazendo com recurso municipal. E este aqui, nós vamos começar com recurso municipal. Vamos atrás de recursos do governo federal, do governo do estado. Seria bom se o governo do estado pudesse, botasse um real. Vamos atrás do governo federal, para botar recursos. Vamos ver se coloca. Senão, nós vamos ter que fazer com recursos do município, com soluções criativas, como nós fizemos. Com soluções criativas, como fazer a licitação do hospital.

O Hospital Samaritano, na Zona Norte, que atende só privado, estava usando terreno da Prefeitura há anos. Nós fizemos uma solução de conseguir um recurso, de conseguir um recurso, lá. O privado usava há anos, pegamos o recurso lá, pegar esse recurso para construir. Com soluções como o Hospital de Parelheiros, que estamos fazendo. Essa história da Portuguesa também, que usa, há anos, um espaço que é público. Vamos pegar aquele recurso e botar na saúde. É mais importante ou não é? A gente botar o recurso na saúde? Com soluções criativas. É a gestão que nós estamos fazendo aqui.

Ah, o pessoal está lembrando de uma coisa que eu estava esquecendo. Eu

era ministro, o Filippi era secretário, o prefeito, no começo, nós abrimos 90 leitos a mais aqui, na região, que atendem, inclusive, gestantes aqui, da Região da Penha. Foi o Hospital Santo Antônio em uma parceria com a Beneficência Portuguesa, que estava fechado. 100% para o SUS. Isso foi rápido, foi no final de 2000 – acho que metade de 2003, a gente estava abrindo. Setembro de 2013. Março de 2013, foi logo no começo. Conseguimos abrir 100 leitos que estavam fechados, que passam a ser abertos, atendendo à população.

- (?... - 75m39s).

Ricardo Rezende - Padilha, tem mais três para falar. Nós vamos dar a palavra agora, na sequência, para – são três, não é, Lilian?

- Posso chamar?

Ricardo Rezende - Pode chamar.

- É Justelita Ribeiro dos Santos.

Ricardo Rezende - E para encerrar, Lilian, tem mais uma fala aqui – é do Miguel, é isso? Tem essa fala, e a do Miguel. Por favor, a senhora. Rapidinho.

Justelita Ribeiro dos Santos - Boa tarde para todos e todas. Boa tarde para o senhor secretário Padilha, todos à mesa, que sejam bem-vindos. Bom, eu sou Justelita, eu sou do Conselho de Saúde Gestor do Alexandre Zaio e sou, também, segundo mandato do Conselho do Orçamento Participativo. E a minha trajetória de trabalho vem do movimento de saúde da Zona Leste. O que eu queria falar aqui, para todos, que esse hospital é da época da Marta, que saiu dinheiro para esse hospital. Esse dinheiro foi desviado, ninguém sabe para onde foi. Depois, nesta gestão passada, também, de lá de autarquias também saiu o dinheiro. Mas, depois, falaram que foi para comitê da dengue, não sei o quê, que não ia fazer. Tudo bem. Agora, eu acredito no governo que está aí, que ele vai construir, sim, tá? E o que eu queria é isso. Lá, o hospital está bom, o que está lá. Ele está em uma limpeza muito boa. Mas o quê? Faz dois anos atrás que, lá, eu fiquei indignada quando eu vi uma senhora, chegou lá desmaiada, quando colocaram na maca, a maca, de tão velha que estava, quebrou e a mulher caiu. Eu, com aquilo, fiquei tão indignada. Eu liguei para autarquias e falei com o doutor Morimoto e ele foi lá, no dia de domingo, em pleno domingo, nove horas da manhã. E, aí, ele viu tudo e ele garantiu para nós, que estávamos lá: Com 90 dias eu vou dar um jeito aqui, nesse hospital, que está. E

deu mesmo. Que, hoje em dia, cama – tem de tudo lá, à vontade. O hospital, dá gosto, lá, de entrar. O que falta mesmo é a UTI. Porque o hospital que não tem UTI, gente – então, não é um hospital.

Agora, eu quero saber do secretário – eu confio no doutor Padilha, que ele me conhece há muito tempo, sabe que eu sou da luta há muito tempo. E nós vamos ter esse hospital mesmo, tá? Porque é isso que eu quero saber e todos que estão aqui estão mesmo interessados. E esta reunião aqui não foi para falar de outras coisas. Foi só o Hospital Alexandre Zaio, a UPA do Alexandre Zaio, que tem que ter, entendeu? Porque, senão, não vai dar tempo de responder. Se for cada um falar uma coisa aqui e outra letra ali, não vai dar tempo de responder. Então, é o Alexandre Zaio que nós estamos aqui interessados e é isso aqui que nós queremos saber a resposta, gente. Pelo amor de Deus, chega. Chega de a gente ficar correndo atrás das coisas e não encontrar. Então, era isso que eu queria colocar. Eu não vou aumentar mais, porque todo mundo já sabe, já falou. Mas eu estou dando o meu ‘parecimento’ e falar a minha fala, que é isso que nós queremos. É o Hospital Alexandre Zaio.

- Senhor Lourival Nonato.

Lourival Nonato - Nós estivemos, inclusive, aqui, há pouco tempo, a câmara do bairro, não é? E trouxemos uma série de questões aqui. Mas, nesse momento, discutimos o Hospital Alexandre Zaio, é importante que a gente perceba que está havendo uma mudança também na forma de comunicação, quando da instalação, da criação do equipamento novo e importante como esse. Entendo que é importante modificar o modo de apresentação, não é? Por quê? Porque, durante os dois anos que ainda restam para construir e entregar o equipamento, deve-se viabilizar a participação também, por exemplo, do Conselho Participativo, dos conselhos de saúde locais. Quer dizer, deve ter uma possibilidade para fazer uma entrega para toda a sociedade, mas com esses órgãos que devem participar desse momento democrático, que a gente quer acreditar que esteja acontecendo, não é? Então, em um momento como esse, que estão as autoridades aqui presentes, e essas outras autoridades, que são os conselhos, os conselheiros, os diversos conselhos, é importante que a gente também pactue a criação de momentos para a gente fazer com que o povo sinta que é uma conquista dele. Não é só uma possibilidade. Ah,

será que o Alexandre Zaio vai vingar? Será que? Então, eu acho que a gente tem que ser mais determinado para, também, poder fazer uma construção conjunta, de uma conquista conjunta, como uma novidade desse momento democrático, que eu quero crer que a gente esteja vivendo. Então, é isso aí que eu gostaria de acrescentar. Obrigado.

- Senhor Miguel Perrela.

Miguel Perrela - Boa noite a todos. É com prazer que eu estou aqui. E a gente nasceu aqui, na região, na Cidade Patriarca. Estava aqui no governo da Luiza Erundina, no primeiro governo do PT, quando o Alexandre Zaio foi inaugurado. Mas a população da Zona Leste cresceu muito, é uma necessidade urgente, realmente, o nosso hospital. O nosso governo sabe disso, vai fazer. Está aqui o nosso ex-secretário, o Filippi, que esteve acompanhando, o Hora Certa, aqui, com a gente, melhorando muito o serviço na Penha, não é? O doutor Celso, nosso coordenador, um grande coordenador na área de saúde. O Padilha, nosso ministro, nosso secretário, que tem grande peso na educação e na transformação do País e da Cidade de São Paulo. Estamos aqui, também, com o Ricardo, que trabalha na SIURB, um grande engenheiro, eu conheço, é amigo da gente, não é? E a minha – nós estamos transformando a saúde, mas estamos transformando muito mais, aqui, na região. É bom que se diga.

Só neste momento, nós estamos fazendo três UBSs aqui. Estamos fazendo São Nicolau, estamos fazendo no Cangaíba, estamos fazendo na Vila Esperança. Qual governo fez isso? Eu quero que vocês pensem um pouco. Nós estamos – abrimos o Hospital Santo Antônio, um hospital de qualidade, com a Beneficência Portuguesa. Um hospital que não deve nada a nenhum hospital de iniciativa privada. É bom que se diga. Quem conhece lá, vai ver o hospital. Então, a gente não pode – eu acredito que nós vamos fazer esse hospital, vamos – nós estamos fazendo, na cidade, dois grandes hospitais: Parelheiros e, na Zona Norte, Brasilândia, que muda, faz dez anos, como o Padilha falou, que não se faz, não se investe na saúde, não é? Então, quando a gente vê isso, a gente fica muito contente. Mas a minha pergunta específica, a minha pergunta, eu queria conversar com os conselheiros e parabenizar, pela ação que vocês tiveram aqui ...

- (?... - 84m37s).

Miguel Perrela - Esperem um pouquinho, gente.

- Proposta.

Miguel Perrela - É isso que eu vou fazer, se você deixar.

- Qual é a proposta.

Miguel Perrela - A proposta, desde que eu saí daqui, há um ano e quatro meses, essa discussão da UPA do Alexandre Zaio está parada. Nós temos que fechar essa questão, para avançar também, ajudar a discussão. É isso que eu falo para os conselheiros, tanto da saúde, como os conselheiros gerais nossos. Porque ajuda a administração a avançar. É isso. Obrigado, gente.

- Bom, nós temos mais duas pessoas para falar. Antes disso, eu vou passar um e-mail para vocês, que a Assessoria da Secretaria da Saúde acabou de me passar, para quem quiser passar e-mail para fazer perguntas, tá? O e-mail é smsassessoriatec@prefeitura.sp.gov.br. OK? Tem mais duas pessoas só para se pronunciarem, agora. Eu queria chamar aqui o senhor Abílio Alves da Silva.

Abílio Alves da Silva - Boa noite a todos. Quero cumprimentar os companheiros que foram reeleitos, todos aqueles que foram eleitos pela primeira vez. Meu nome é Abílio Alves da Silva, eu sou liderança política, eu sou do Conselho Participativo desde o governo da Marta. Eu tenho 28 propostas, 26 aprovadas pela Câmara de Vereadores e, dessas 26, até agora só foram executadas três propostas. Eu tenho proposta de urbanização de favela, favela Esperantinópolis, Cambalacho, Barraco São José, pista de caminhada na Avenida Gamelinha, dentro da Vila Talarico, em frente ali, à Delegacia de Arthur Alvim – da Arthur Alvim, não, ali é da Jardim Brasília, não é? Tenho proposta de creche, tenho proposta de assalto da rua (?... - 87m04s). São 28 propostas e, até agora, só três foram executadas. Eu gostaria, que nós temos pouquinho tempo para concluir essas obras. E não se tem resposta, o que vai ser feito, o que não vai ser. Parece-me que vai terminar o governo e eu não vou ter o prazer de ver mais nenhuma obra dessas, que eu apresentei as propostas. Estão todas aprovadas, eu vou trazer mais propostas aqui, para o Conselho Participativo, botar em pauta de aprovação e vou encaminhar para a Prefeitura, para fazer mais obras, melhoramento de bairro, no Distrito de Arthur Alvim, onde eu sou liderança, onde eu moro há 32 anos. Eu criei a minha família nesse distrito, adoro esse distrito, gosto aqui de todos daqui, dos quatro distritos,

todo mundo me conhece, aqui. Eu tenho propostas e gostaria que o representante do governo tomasse uma providência para executar essas obras. Muito obrigado.

- Senhor Fábio, por favor.

Fábio - Bom, secretário, o senhor colocou, ali, uma questão de quem é contra, se manifeste. Mas é deixar bem claro. Aqui, ninguém é contra um equipamento que vai favorecer a população. Aliás, a gente quer a UPA. O que a população achou muito estranho é colocar uma UPA em cima de uma praça. Mas a gente está encaminhando, inclusive, no documento que os conselheiros participativos estão mandando, o seguinte: O que a população – a população não é contra. Essa coisa de ficar colocando população contra população, é um negócio chato. Hoje em dia, no Brasil, é um negócio chato. Você não pode colocar uma ideia, expor e discutir claramente, porque ou você é coxinha, ou você é petralha, ou você não gosta de mim. Aí, é uma palhaçada.

Então, o que está sendo colocado aqui, a questão é a seguinte: A praça, hoje, é utilizada por uma população, que também está viabilizando saúde. A menos que o senhor entenda que praça não viabiliza saúde preventiva, para não encher os hospitais. Então, veja só: A proposta que está sendo encaminhada e que está sendo colocada é a seguinte: Lógico, está se fazendo todo um estudo lá, o engenheiro Resende, o próprio doutor Celso ali, eu já conversei com ele. Não se sabe se tem uma galeria ou se não tem, o que está acontecendo lá. Agora, o que a população quer é o seguinte: Em último caso, vai ter que colocar UPA? As pessoas que usam a praça querem um terreno próximo, no mesmo bairro, que capacite uma mesma área da praça, com os mesmos equipamentos, com verde, meio ambiente, para todo mundo viver bem e com a salubridade que ela tem hoje.

Então, é bom colocar que ninguém é contra. A gente não é maluco. Ninguém está aqui, em Pinheiros, que não tenha e não precise de nada. A gente precisa. Só que, tem que ter uma maior e melhor interlocução e entendimento do poder público, para, necessariamente, entender: Não, não é que não quer. A gente quer conversar. E, assim, uma compensação ambiental, que não seja plantar árvore. E plantar árvore em Pirituba e em outro lugar. Porque, se o senhor sabe, a Zona Leste é o maior índice de zonas de calor da cidade. Nós não temos verde. Então, nós precisamos de verde. Então, nós estamos prescindindo de uma área verde para o

atendimento de saúde. Mas eu creio que se for do entendimento do senhor e de administradores modernos, a praça também viabiliza saúde. Tanto quanto a UPA. Então, nós precisamos dos dois equipamentos. E, aí, eu gostaria de, com o senhor, com a SIURB, conversar melhor, junto com os outros conselhos, Verde e Meio Ambiente, Saúde, tentar viabilizar uma outra área que possa comportar a área da praça que foi, necessariamente – eu não diria perdida, mas substituída por um equipamento que também é essencial. Mas o verde também é essencial e viabiliza saúde, da mesma forma. E, talvez, mais importante do que a própria UPA. Evita que as pessoas fiquem doentes, para ir usar a UPA. É só isso que eu gostaria de colocar. Muito obrigado.

Ricardo Rezende - Muito obrigado a todos. Mais alguma questão, a gente responde via e-mail e no site da Prefeitura. Boa noite e está encerrada a audiência pública. Com a palavra, o secretário.

Alexandre Padilha - Fábio, ninguém está querendo botar ninguém contra ou a favor, não.

Fábio - É o que o senhor colocou ...

Alexandre Padilha - Não, não, não. O que eu coloquei é o seguinte: Nós estamos abertos a plebiscito, consulta, o que for. Agora, tem que decidir, entendeu? Porque é o seguinte: É bom, também, discutir com a população as agruras do gestor público. Porque, tem uma hora em que tem que decidir, entendeu? O pessoal do Conselho da Saúde, estamos abertos. Agora, chega uma hora em que tem que decidir. Se não tiver outro terreno? Vamos fazer o quê? É isso, entendeu? Porque a gente sabe que São Paulo não tem terreno.

- Mas o terreno, tem.

Alexandre Padilha - Então, vamos, tem terreno. Então, mostra o terreno. Eu quero, vamos encaminhar isso. Conselho da Saúde, Conselho Participativo, qualquer outro conselho, chamar a reunião aqui. Pessoal, assim, a gente não vai decidir nunca.

- Fizemos isso, já.

Alexandre Padilha - Apresentar isso, certo? O Conselho da Saúde já disse que já tomou uma decisão. Mas vamos ouvir. Apresentar isso. Apresentar onde é o terreno, se tem outro terreno. Se é terreno público, se vai ter desapropriação ou não,

se pode fazer lá. Está certo? É, precisa mostrar tudo. E vamos decidir, gente. O que não pode é não decidir. O que não pode é não decidir. Porque não decidir significa não ter a UPA. Na prática, é isso. Porque, se não decidir, não vai começar, não vai fazer nunca, vai enrolando, enrolando. Chega uma hora, não faz.

- A questão (?... - 92m55s).

Alexandre Padilha - Isso. Então.

- A praça é uma área verde, que conta muito ...

Alexandre Padilha - Então, tem que achar, se tem. Tem que achar, se tem. Mostra, se é público, se não tem que desapropriar, entendeu? Tem que mostrar tudo isso, viu, Celso? Chama. Anota isso e vamos decidir. O que não pode é deixar de decidir. Está certo? Está bom? Obrigado, pessoal. Reforçar o convite aqui, da Saúde. Amanhã, todo mundo, às nove horas, quem quiser estar lá, na construção da UBS Vila Esperança. Depois, se quiser, visitar o ponto estratégico da dengue, também.

FIM